

RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS DURANTE A COVID-19

REPORT OF AN EXPERIENCE IN TEACHING
VISUAL ARTS DURING COVID-19

Regina Johas / UFRN

RESUMO

O presente artigo relata uma experiência no ensino de Artes Visuais realizada no primeiro semestre de 2020, durante o insulamento domiciliar causado pela pandemia do Novo Coronavírus COVID-19. A proposta foi criar condições de aprendizado fora do ateliê-laboratório da universidade, originalmente reservado para as aulas, lançando mão de recursos midiáticos e plataformas digitais. Reporto aqui a metodologia e os dispositivos utilizados nessa experiência de ensino remoto emergencial que não substitui plenamente o modo presencial. Tal atividade docente foi possibilitada usando como metodologia os inúmeros recursos digitais e as mídias, que dizem respeito ao suporte tecnológico, com atividades on-line (comunicação síncrona) e atividades e tarefas off-line (comunicação assíncrona).

PALAVRAS-CHAVE

Docência e Covid-19; artes visuais na pandemia; ateliê virtual

ABSTRACT

This article reports an experience in the teaching of Visual Arts carried out in the first semester of 2020, during home insulation caused by the pandemic of the New Coronavirus COVID-19. The proposal was to create learning conditions outside the university laboratory-studio, originally reserved for classes, using media resources and digital platforms. I report here the methodology and devices used in this remote emergency teaching experience, which does not fully replace the face-to-face mode. Such teaching activity was made possible using as methodology the innumerable digital resources and the media, which concern technological support, with online activities (synchronous communication) and offline activities and tasks (asynchronous communication).

KEYWORDS

Teaching and Covid-19; visual arts in the pandemic; virtual studio

Introdução

No início deste ano fui convidada a ministrar a disciplina “Fundamentos da Linguagem Visual” no curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da UNESP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”), no contexto de meu estágio pós-doutoral junto ao Programa de Pós-Doutoramento em Artes dessa instituição. A referida disciplina tem como objetivo “construir um sistema básico para a aprendizagem, a identificação, a criação e a compreensão de mensagens visuais que sejam acessíveis a todas as pessoas” (DONDIS, 2007, p.3). A alfabetização visual do aluno, capacitando-o com conhecimentos da Teoria da Cor e da Teoria da Forma, consiste num dos pilares fundamentais no aprendizado das Artes Visuais e de outras áreas que lidam com a visualidade.

O início do semestre, que nesse caso era também o início de uma nova vida – primeiro ano na universidade – tem sempre aquele ar de novidade e muita expectativa. A turma ingressante contava com alunos/as vindos de diferentes experiências: alguns recém-formados no ensino médio, outros desistentes de suas opções iniciais e alguns que, após formação e vivência profissional, estavam em busca de um novo caminho. Característica enriquecedora para os grupos em Artes Visuais, essa mescla é muito bem-vinda e traz sempre um denominador comum: a busca pelo “exercício experimental da liberdade”¹.

Após duas semanas de atividades inaugurais e uma primeira aula em que foram feitas as primeiras e estimulantes experimentações com tintas e suportes, fomos surpreendidos com a suspensão das atividades acadêmicas, medida adotada pela universidade em resposta à crise do Novo Coronavírus (COVID-19). Estávamos diante de uma situação inesperada e que iria reclamar uma considerável capacidade de adaptação. A partir daquele momento, mesmo sabendo que o semestre não teria validação acadêmica, resolvemos nos lançar numa experiência piloto: realizar atividades remotas de compartilhamento dos conteúdos da disciplina e produzir os trabalhos práticos que inicialmente seriam feitos em sala de aula.

A circunstância de isolamento e do ensino remoto emergencial² impôs ao grupo, portanto, o convívio através das redes. O desafio a ser enfrentado era o de criar condições de aprendizado fora do espaço originalmente reservado para as aulas, usando como metodologia os inúmeros recursos digitais – ferramentas, aplicativos, e

software – e as mídias, que dizem respeito ao suporte tecnológico (computador, smartphone, tablet).

A utilização de plataformas como sala virtual de compartilhamento, Whatsapp e/ou Instagram apresentariam terreno propício para esta prática docente? Que procedimentos quanto à comunicação seriam adequados para as aulas: todos conectados à internet, on-line simultaneamente (comunicação síncrona) e com atividades e tarefas off-line (comunicação assíncrona)? Como transpor a barreira da ausência do espaço físico? As experiências on-line poderiam superar as trocas que acontecem no convívio em ateliê?

Do espaço do ateliê às experiências no ciberespaço

A primeira questão a ser colocada diz respeito à ansiedade e incerteza do que estava por vir. Nos encontrávamos num estado de exceção em que cada um estava restrito aos limites de sua casa, ou de seu quarto, e passáramos a experimentar uma condição de aprisionamento no espaço ocupado pelo nosso corpo (figura 1).



Figura 1. Henry Castelli, Transborda, 2020. Bordado sobre algodão cru, 9,0 x 6,5cm.

Foto: Henry Castelli.

Essa condição um tanto asfixiante de não poder escapar do insulamento domiciliar nos fazia confrontar com o nosso próprio corpo e com o fato de estarmos encerrados nele, uma vez que o corpo é esse lugar que sempre está onde estamos:

...ele está aqui, irreparavelmente, nunca em outro lugar. Meu corpo é o contrário de uma utopia, é o que nunca está sob outro céu, é o lugar absoluto, o pequeno fragmento de espaço com o qual, em sentido estrito, eu me corporizo. Meu corpo, *topia* desapidada. (FOUCAULT, 2007, p.5).

E foi a partir desse pequeno fragmento de espaço que passamos a nos dedicar aos encontros virtuais. Abraçando esta proposição como um ato de resistência, buscamos nas semanas que se seguiram fazer face ao desafio de substituir o ambiente da universidade por aquela nova condição trazida pela quarentena. Tratava-se ali de manter, da melhor forma possível, o estado de ânimo de todos.

O curso de Artes Visuais do Instituto de Artes / UNESP dispõe de ateliês-laboratório privilegiados, destinados às aulas de desenho e pintura e de uso exclusivo dos alunos. Contando com três salas-ambiente e com iluminação natural, esses ateliês são usados para as aulas de pintura e desenho e ficam abertos para o uso livre dos alunos, para que estes desenvolvam sua própria produção artística (figura 2).



Figura 2. Ateliê-laboratório de pintura e desenho do Instituto de Artes da UNESP. Foto: Regina Johas

Compartilhar esse espaço e as experiências visuais que ao longo do tempo vão ali se acumulando consiste em parte integral do processo de aprendizado. O ateliê é conhecido como um lugar de produção e convívio, como um ambiente de criação que vai ganhando forma através dos objetos e materiais escolhidos e colecionados pelo aluno/artista, que vão transformando esse espaço em atmosfera propícia à criação.

O ateliê se caracteriza, então, como fluxo e, para além de suas dimensões espaciais adquire, também, aspectos temporais. Muito mais do que entre,

ou sem paredes, o ateliê contemporâneo se caracteriza pelo fluxo de tempo e de pessoas, trânsito e a troca com o outro. Se a contemporaneidade discute o ser exclusivo e induz a pensar um ser múltiplo e provisório, provisoriedade e processo são instâncias a serem valorizadas, tornando-se evidentes.(SILVA, 2011, p.72).

A proposição de uma nova modalidade de atividade acadêmica na plataforma virtual concorreria, sem dúvida, para que certas características inerentes ao processo de aprendizagem normais se perdessem, mas outras poderiam aparecer, uma vez que “cada meio ou plataforma de comunicação gera diferentes experiências – cognitivas, emotivas, físicas – de uso, cada meio tem sua especificidade” (SCOLARI, 2013, p.83).

O fato é que a troca e disseminação de informações através das redes e das mídias já se tornaram parte integral de nossas vidas, e com a proliferação das tecnologias digitais esse fenômeno tornou-se instantâneo e contínuo. Somos usuários diários do Whatsapp, Instagram, Facebook, Google, Youtube ou Twitter: um mundo interativo em que tudo e todos podem ser acessados a cada instante.

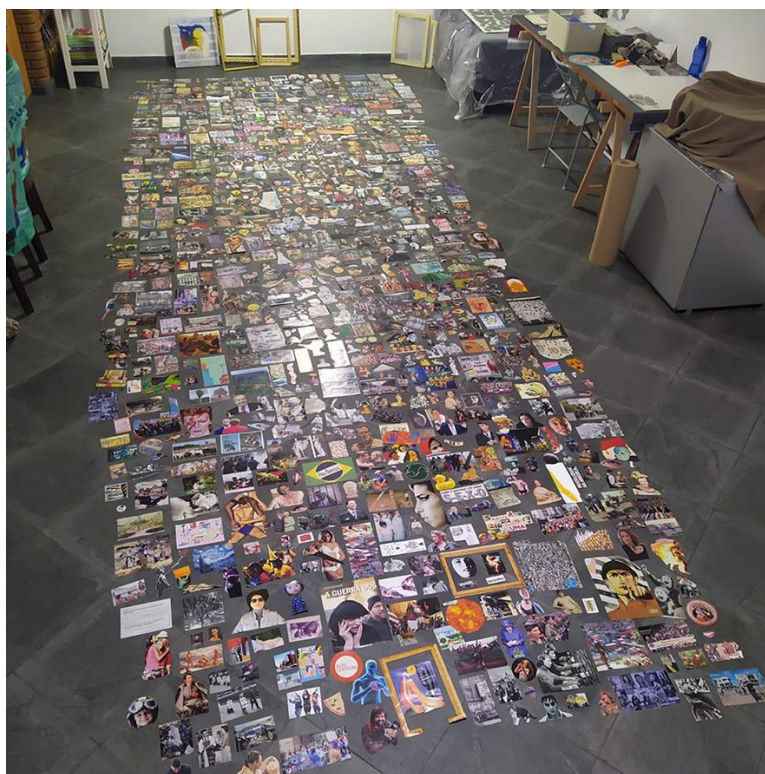
Transpor as dificuldades de ocupar e produzir no ateliê-laboratório mostrava ser, entretanto, uma tarefa complexa. A presença física naquele espaço inspirador, a troca de experiências entre colegas e o contato com o/a artista-professor eram motivações praticamente insubstituíveis para que o grupo avançasse nos experimentos plásticos. As condições de confinamento apresentavam assim o desafio de entender o novo ambiente de trabalho: a sala de aula virtual e as outras ferramentas da rede nesse contexto.

Acomodando o ateliê em casa – limitações e desafios

Quando um artista participa em uma residência artística, a fase inicial de chegada na instituição ou espaço de arte que abriga o projeto, conhecida como “rooming in”, é caracterizada pela adaptação ao lugar destinado a ser o ateliê temporário. Trata-se de configurar o espaço de maneira a construir, ainda que em condições não ideais, uma atmosfera inspiradora.

Como um artista que precisa criar seu ambiente de produção nas residências artísticas, os alunos também tiveram que enfrentar esse desafio: cada um dos integrantes do grupo teve que adaptar seu ambiente de trabalho de maneira a torná-lo tão estimulante quanto o ateliê-laboratório da universidade. Este movimento implicou na apropriação de espaços dentre aqueles disponíveis na casa, na organização de uma mesa de trabalho com os materiais necessários (tintas e

papéis ou materiais não usuais – o que estivesse à mão), na busca de uma condição, que propiciasse concentração e inspiração para a realização dos exercícios e início de um projeto criativo individual. O ateliê-laboratório foi assim substituído por espaços improvisados, como pode ser visto nas adaptações feitas por Henry (figura 3).



Figuras 3. Henry Castelli, espaços improvisados de ateliê, 2020. Foto: Henry Castelli.

Nas semanas seguintes, essa condição excepcional de estudo trouxe resultados inesperados, que não teriam acontecido se estivéssemos em sala de aula. Como exemplo, um dos integrantes que estava sem acesso ao seu material de pintura iniciou uma série de experimentos com corantes não usuais, extraídos de matérias como o carvão, a amora, o açafrão e o urucum. Em outro caso, uma aluna, ao fazer os exercícios de harmonias cromáticas, experimentou trabalhar alterando a luz do ambiente do quarto para verificar o resultado dessas mudanças na cor que estava usando.

Novos suportes para os trabalhos passaram a ser igualmente descobertos nesse contexto. O uso das paredes do próprio quarto para realização de uma enorme colagem, de pratinhos de festa (figura 4) ou caixas de cereais para os desenhos (figura 5), ou ainda tecidos variados para a criação de assemblagens surgiram espontaneamente na medida em que os exercícios foram sendo propostos e o ambiente caseiro, com suas limitações e adaptações, foi proporcionando a apropriação dos materiais que estavam à mão.



Figura 4. Manuella Silveira, Mito interior, 2020. Acrílica s/ prato descartável, diâmetro 12 cm. Foto: Manuella Silveira.



Figura 5. Ailton Lima, estudos de cor, 2020. Tinta sobre papelão. Foto: Ailton Lima.

O obstáculo seguinte a ser superado dizia respeito ao compartilhamento de conteúdos. Quais estratégias metodológicas para o ensino remoto poderiam ser aqui adotadas? Que aspectos relativos ao planejamento responderiam com eficácia às demandas dessas aulas mediadas por tecnologia?

Compartilhando conteúdos e referências artísticas

Em se tratando de disciplinas como esta, as aulas em ateliê pressupõem compartilhamento de conteúdos, o que normalmente é feito através da disponibilização de livros e catálogos de artistas. Através da apreciação e contextualização de obras de arte, as relações entre os elementos visuais podem ser identificados e analisados ao mesmo tempo em que se promove a formação de

repertório do aluno/a. Além disso, esse recurso pedagógico introduz um importante mecanismo de convívio no ateliê-laboratório: sentar em grupo ao redor de uma grande mesa onde a observação, o diálogo e a troca de experiências são fundamentais – a mesa se transforma num micromundo onde reflexões, ideias, estudos e projetos acontecem. Ao seu redor nos reunimos para digerir processos e projetar outros, apreender conteúdos, realizar leituras de imagem e compartilhar vivências. O aprendizado vai se dando pela construção do conhecimento de conceitos (que) vai de par com o reconhecimento do campo em que esses conceitos se mostram operacionais (LANCRI, 2002, p.30).

Em nossa experiência de transposição midiática, a mesa central foi substituída pelo dispositivo “tela do computador compartilhada”, e os livros pelos powerpoints. Ainda que esses novos recursos tenham limitado tanto a espontaneidade quanto a dinâmica de participação nas discussões coletivas, há que se avaliar alguns ganhos no processo.

Desde o momento inicial, a proposição para as atividades incluía a produção de um projeto individual junto aos exercícios de aplicação dos conteúdos. Esse encaminhamento didático reflete o fato de que é preciso, já no começo do aprendizado em Artes Visuais, estimular o desenvolvimento de uma expressão própria, uma vez que em arte contemporânea não há rumos predeterminados a serem seguidos:

sem um conjunto de regras consensualmente aceitas, ou de parâmetros universais que possam indicar um caminho, o artista contemporâneo tem que estabelecer operações técnicas e teóricas complexas, inventando o próprio processo de criação e instauração da sua obra, e definindo a metodologia e o objeto de investigação de sua pesquisa. (POHLMANN, 2007, p. 2).

Além disso, a construção da trajetória de um jovem artista implica no constante diálogo com um universo referencial, um conjunto de vozes interlocutoras, uma “família artística” com a qual ele/a irá dialogar. Este campo referencial – artístico, teórico e histórico – se constitui à medida em que a produção avança, garantindo assim que o artista nunca se encontre perdido, situando-se no entrecruzamento das inúmeras rotas que mostram sua exata localização. Desse modo, a importância de ampliar o repertório dos alunos constitui parte fundamental de sua formação, já que

o acesso ao objeto de estudo de cada um determina-se pouco a pouco *no desvio pelo outro* e, particularmente..., no desvio pela análise^[1] precisa dos procedimentos, de obras e de artistas (vivos ou mortos) que estão em correlação com o campo de investigação aberto por cada linha particular

de pesquisa. Assim, opera-se um vaivém constante *entre os outros e si mesmo*. (LANCRI, 2002, pg. 20).

Tendo em mente que o *desvio pelo outro abre acesso a si mesmo*, a busca por constituir esse campo referencial adquire grande importância no trajeto do jovem artista. Em outros tempos e no modo presencial, isso era feita ao redor de livros, enquanto que, no contexto de atividade remota, o acesso à reprodução de obras artísticas passou a ser possibilitado pelos buscadores da rede, através dos quais se pode alcançar uma enorme quantidade de obras e artistas, visitar museus, galerias e, atualmente, assistir às inúmeras entrevistas e bate-papos (conhecidas por “lives” na plataforma Instagram) com produtores, curadores, pensadores e artistas. Observou-se aqui o quanto essas possibilidades ofertadas pela internet podem enriquecer a formação, superando a condição proporcionada pelo uso de livros e catálogos, nem sempre disponíveis e geralmente muito caros.

Analisando e discutindo resultados dos exercícios e da produção individual

Na formação de artistas contamos até hoje com a influência da pedagogia da ação implantado pela Bauhaus:

a pedagogia da ação deu um novo significado ao comportamento ativo do aluno. Ela considera que o processo educacional se concentra em uma ação específica, uma atividade que não exige que o aluno aprenda algo de fora, mas sim, uma ação espontânea que vem de dentro para fora. Assim, como concepção pedagógica, parte do princípio de que a aprendizagem ocorre do próprio aprendiz, rejeitando a ideia de que o ensino é realizado através de uma suposta transmissão de conhecimento. A aprendizagem, na perspectiva da pedagogia da ação, é uma conquista pessoal e visa a autoformação do aluno.³

O “comportamento ativo do aluno” é a principal ferramenta para que ele/a possa reconhecer nos seus próprios trabalhos os conteúdos apresentados. Somente através do fazer é que as relações construídas e os conteúdos que foram trabalhados são apreendidos. Há uma boa distância a ser percorrida entre ver e conhecer, pois o olhar da operação intelectual ao mesmo tempo contempla e analisa o que vê (POHLMANN, 2002, p. 7). Essa forma de educação do olhar implica em reconhecer, em discernir as categorias e elementos da linguagem visual que estão sendo estudados (figura 6).

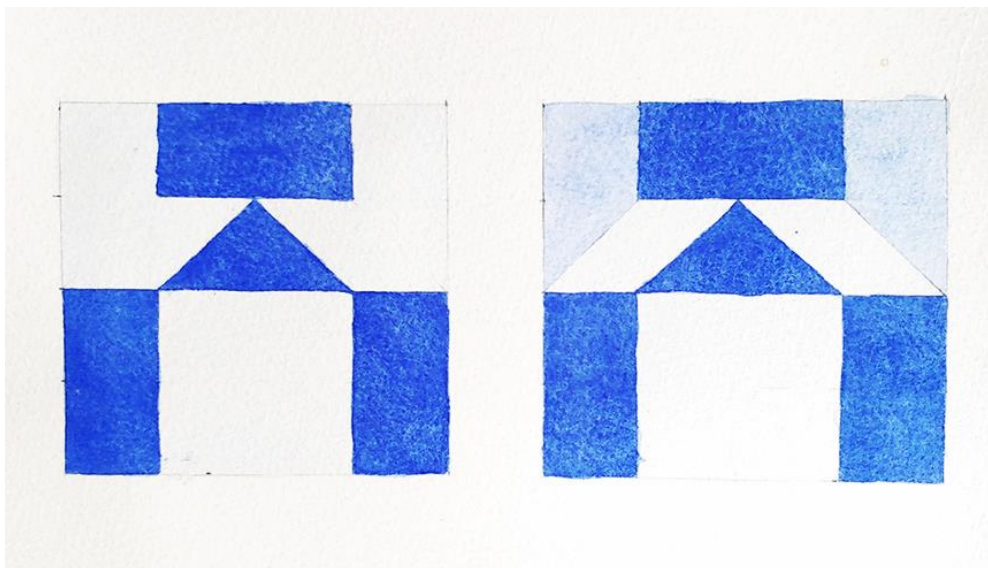


Figura 6. Henrique Vidigal, estudos – superfície e espaço, 2020. Foto: Henrique Vidigal.

Quando um aluno/a em início de formação realiza um desenho ou pintura, sua preocupação é quase invariavelmente com a figura ou narrativa aí construídas, em detrimento das relações estabelecidas entre linhas, cores, relações de equilíbrio ou tensão, relações entre figura e fundo, etc. E ao estudar esses conteúdos eles não se tornam automaticamente assimilados, pois é preciso o tempo do fazer, do olhar e descobrir essas relações atrás das figuras, trazê-los para “frente” (figura 7). Ao olhar, por exemplo, a obra “Quarto em Arles” de Vincent van Gogh, é necessário compreender que aquela cama não é amarela, mas sim que aquele amarelo é que é uma cama⁴.



Figura 7. Beatriz Rodrigues, exercício de composição, 2020. Foto: Beatriz Rodrigues.

Essa dinâmica em sala de aula é construída primeiramente a partir da execução de trabalhos. Quando as aulas partem antes da experiência direta da atuação do grupo, com os alunos/as participando ativamente

da feitura das formas, vendo-as nascer sob suas mãos, nem que sejam poucos traços, não só se cria uma situação afetiva imediatamente carregada de associações, como também o exemplo concreto é sempre mais eloquente do que explicações abstratas. (OSTROWER, 2013, p. 22).

Nesse momento é que a mesa coletiva entra em cena para a observação e análise comparativa dos resultados obtidos pelo grupo: os conhecimentos adquiridos vão aos poucos se ampliando e enriquecendo, tendo como ponto de partida a *prática* artística do estudante, com o *questionamento* que ela contém e as *problemáticas* que ela suscita (LANCRI, 2002, pp.19-20). Mas como avançar por esta etapa fundamental se a mesa não estava mais lá?

Utilizando a mesa digital e o Instagram

Dois dispositivos se mostraram úteis para substituir a mesa ao redor da qual iríamos nos reunir durante a nossa jornada. Inicialmente a própria mesa digital da sala de aula virtual (nesse caso estamos falando do recurso de compartilhamento da tela) supriu tal função: os trabalhos podiam ser aí postados e visualizados pelo grupo. É importante, entretanto, poder ver o conjunto de experimentações e realizar uma análise comparativa entre elas. A ferramenta que melhor cumpriu tal função foram os portfólios individuais, que podiam ser disponibilizados em forma de arquivo powerpoint ou pdf e permitiam reunir vários trabalhos sequencialmente, favorecendo a apreciação de sua evolução. Essa dinâmica de aula é muito importante, pois contribui para que as questões e os problemas enfrentados apareçam, para que outros sejam criados a partir de ideias que começaram a surgir na discussão e outros passem a ser problematizados. O processo de criação de cada integrante do grupo permite vermos

o trabalho sendo elaborado pela impregnação de diversas fontes e diversos materiais que nos abrem os sentidos, para aos poucos deixarmos que cada um possa repercutir em nosso íntimo... Cada conceito serve como um ponto de partida que vai se modificando à medida em que o trabalho vai se materializando. O próprio material impõe um diálogo para o qual devemos ter sensibilidade em escuta-lo. (POHLMANN, 2007, p.12).

Ainda faltava criar um outro recurso de visualização: poder ver lado a lado trabalhos de todos os integrantes, como faríamos na nossa enorme mesa do ateliê-laboratório. Como resolver essa situação praticamente intransponível? Afinal, as materialidades dos trabalhos em andamento – fruto das intrincadas relações tecidas nas

transformações do processo criativo, na mutação entre matéria e elementos de desejo que são as marcas dos processos – requeriam a presença física para sua fruição. A solução encontrada foi criar uma conta no Instagram para abrigar a produção em sua totalidade, o que nos permitiu visualizar todos os trabalhos, ainda que a fisicalidade dessa vivência não tenha sido plenamente substituída (figura 8).

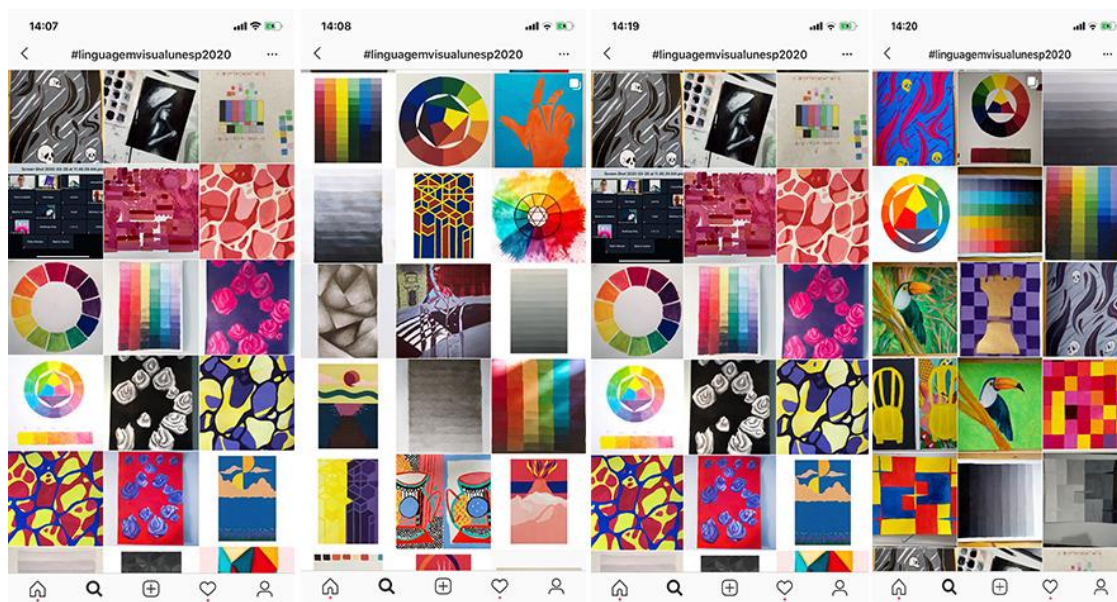


Figura 8. Plataforma Instagram, #linguagemvisualunesp2020, 2020. Foto: Regina Johas

Saudades do botequinho

Durante todo o semestre fomos construindo coletivamente esse espaço de criação e aprendizado, entregues aos fluxos e refluxos dos processos entre o fazer e o refletir de cada integrante do grupo, e absorvidos com a relação intensa e comprometida que havíamos estabelecido para superar as distâncias dadas pela pandemia. Nossa caminhada foi marcada por descobertas, ansiedades e registros do que vivenciamos, como muito bem traduziu o Cauê acerca dessa nossa experiência:

A interligação nunca esteve tão perceptível. Vemos agora, estamos conectados pelo ar, pelos micróbios, pela morte e pela crise... como posso (re)produzir a sintonia com a vibração do universo? Não sei. Não sei o que estou fazendo nem se estou fazendo algo. Pelo menos, ainda não. Mas o desejo não está em fazer, mas em buscar, experimentar.⁵

Outro registro que não podemos deixar de mencionar é o desenho da Camila Mie, intitulado “Saudades do Botequinho”. Ainda que tenhamos cumprido as metas estabelecidas de nos darmos suporte com o convívio – ainda que virtual – na partilha desses primeiros passos em direção às grandes caminhadas que a arte proporciona,

o “botequinho” fez muita falta, assim como aquele belo ateliê-laboratório do Instituto de Artes da UNESP (figuras 9 e 10).



Figura 9 e 10. Camila Mie, Saudades do Botequinho I e II, 2020. Guache sobre papel, 21 x 7,5 cm (cada).
Foto: Camila Mie.

Notas

¹ Essa é uma das expressões prediletas de Mário Pedrosa para referir-se à arte, principalmente nos anos 60.

² Para averiguar as diferenças e questões pontuadas entre ensinar remotamente e ensinar à distância, cf. em:

<https://www.cartamaior.com.br/?%2FEditoria%2FEducacao%2FUniversidades-publicas-aulas-remotas-e-os-desafios-da-ameaca-neofascista-no-Brasil%2F54%2F47699#.XteOTWNOjK4.whatsapp>. Acesso em: 11/06/20.

³ Disponível em: <https://www.abcdesign.com.br/bauhaus-a-pedagogia-da-acao/>. Acesso em: 11/06/2020

⁴ Frase de Adélia Prado, pronunciada numa aula inaugural da FASM Faculdade Santa Marcelina (SP), onde ministrei aulas na década de 90.

⁵ Cauê Santos é um dos ingressantes na UNESP, turma de 2020. Esse fragmento de texto foi extraído de um texto de seu portfólio.

Referências:

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, As heterotopias**. Tradução de Salma Tannus Muchail. Edição bilíngue: Português/Francês. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

LANCRI, Jean, “Colóquio sobre a Metodologia da Pesquisa em Artes Plásticas na Universidade”, in: BRITES, Branca; TESSLER, Élica (org.). **O meio como ponto zero**:

metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002 (Coleção Visualidade).

OSTROWER, Fayga. **Universos da Arte.** Editora Campus: Rio de Janeiro, 1983. Livro eletrônico, 1ª. ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

POHLMANN, Angela Raffin. “Caminhos incertos em um território fértil: aproximações subjetivas na orientação da pesquisa em poéticas visuais”. 30ª. **Anais da ANPEd**, 2007. Disponível em: http://30reuniao.anped.org.br/grupo_estudos/GE01-3674--Int.pdf. Acesso em: 11/06/2020.

SCOLARI, C. **Narrativas Transmedia: Cuando todos los medios cuentan.** Barcelona: Deusto S.A., 2013.

SILVA, Fernanda Pequeno da. “Ateliês Contemporâneos: possibilidades e problematizações”. **Anais do 56º Encontro da ANPAP**, Rio de Janeiro, pp. 59-73. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cc/fernanda_pequeno_da_silva.pdf>. Acesso em: 11/05/2020.

Regina Johas

Artista visual e pesquisadora. Pós-doutorado (UNESP- 2019-2020). Doutora (2004) e Mestre em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes/USP, graduada em Artes Visuais pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e especializada em História da Arte pela Universidade de Colônia, Alemanha. Professora adjunta em regime de dedicação exclusiva no Curso de Artes Visuais do DEART/UFRN; Assessora Científica FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo; 2010/em curso). Contato: rhjohas@gmail.com